

# OS ADORNOS NAS CIVILIZAÇÕES PRÉ-HISTÓRICAS SOB A ÓTICA DA OURIVESARIA CONTEMPORÂNEA<sup>1</sup>

## THE ORNAMENTS IN PREHISTORIC CIVILIZATIONS FROM THE PERSPECTIVE OF CONTEMPORARY JEWELLERY.

Edir Lucia Bisognin\*  
Maria da Graça Portela Lisbôa\*\*  
Marloá Eggres Krebs\*\*\*  
Caroline Stagemmaier\*\*\*\*  
Taiane Rodrigues Elesbão\*\*\*\*\*

### Resumo

O presente artigo baseia-se no estudo do livro *Historia Universal de las Joyas, a través del Arte y la Cultura*, de Margarita Wagner de Kertesz, publicado pela Editora Centurión, Calle Belgrano 3770, Buenos Aires - Republica Argentina, em 1947, cuja edição esgotou-se em 1947. Neste estudo, realiza-se a tradução da cultura pré-histórica e a atualização de informações sob a ótica da ourivesaria contemporânea. Num primeiro momento, aborda-se os adornos na época Paleolítica em suas diversas técnicas e estilos e, posteriormente, na época Neolítica, sua história e ornamentação corporal.

*Palavras-chave:* Adornos. Materiais. Cultura Pré-histórica.

### Abstract

This paper presents a study based on the book: *Historia Universal de las Joyas, a través del Arte y la Cultura*, authored by Margarita Wagner de Kertesz, published

1 - Resultado parcial do Projeto de Pesquisa com base no livro: HISTÓRIA UNIVERSAL DAS JÓIAS ATRAVÉS DA ARTE E DA CULTURA, vinculado ao Curso de Design. Grupo e Linha de pesquisa: Design e Gestão do Produto - História, Estética e Cultura de Objetos, do Centro Universitário Franciscano, UNIFRA, Santa Maria-RS.

\* Mestre em Educação pela UFSM. Licenciada em Desenho e Plástica e História. Atualmente, é professora de História da Arte nos Cursos de Design, Arquitetura e Urbanismo e Turismo, no Centro Universitário Franciscano, UNIFRA. edir@unifra.br

\*\* Mestre em Engenharia de Produção, Área de Concentração em Qualidade e Produtividade pela Universidade Federal de Santa Maria, UFSM. Bacharel em Design de Produto com ênfase na joalheria pelo Centro Universitário Franciscano, UNIFRA. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Mídias, Artes e Narrativas em Contextos Híbridos ou Fronteiriços da Universidade Federal do Pampa, UNIPAMPA. mglisboa@yahoo.com.br.

\*\*\* Mestre em Letras na área de Concentração – Linguística Aplicada. Qualificação em Letras/Português e Espanhol. Professora do Centro Universitário Franciscano. marloa@unifra.br

\*\*\*\* Bacharel em Design com ênfase em jóias pelo UNIFRA. carol.staggemeier@gmail.com

\*\*\*\*\* Mestranda em Engenharia de Minas, Metalúrgica e Materiais do PPGE-3M. Bacharel em Design pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Especializada em Design Gráfico – identidade visual do sistema-produto, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS. Bacharel em Design de Produto com ênfase na joalheria pelo Centro Universitário Franciscano. taianeelesbao@gmail.com

by Centurion, 3770 Calle Belgrano, Buenos Aires, Republica Argentina, 1947 whose edition was exhausted in 1947. In this study, we carried out the translation of the pre-historic culture and update information from the perspective of contemporary jewelry. At first, we discuss, the adornments on the Paleolithic era in its various styles and techniques and, subsequently, the Neolithic, its history and body ornamentation.

*Key words*: Ornaments; Materials; Prehistoric Culture.

## 1 Introdução

### Os adornos na época Paleolítica - Idade da Pedra Lascada<sup>2</sup>

Na tentativa de sistematização da época pré-histórica, é importante situar o leitor para os acontecimentos ocorridos no período histórico denominado Paleolítico Inferior, no qual não foi encontrado vestígio sobre a prática da arte. Contudo, é no período seguinte, no Paleolítico Superior, que os adornos começaram a fazer parte do cotidiano do homem das cavernas.

As primeiras manifestações desse homem, no que diz respeito aos seus adornos e suas primeiras tentativas de fabricação, remetem às épocas superiores do Paleolítico (Pedra Lascada), quando ele habitava em grutas e cavernas para buscar abrigo, caçava com machados de pedra a golpes em renas, mamutes e búfalos e pintava o corpo com cores.

Esse homem tão distante da contemporaneidade buscou objetos de fácil manipulação, encontrados na natureza, tais como pequenos crustáceos vivos ou fósseis, caracóis, vértebras de peixes e dentes de animais de caça menor. Alguns desses achados apresentam buracos que, possivelmente, fossem para prender os adornos e usá-los como colares. Os enfeites pendentes caracterizam o caçador primitivo e formam parte do enxoval das sepulturas pré-históricas.

Celoria (1970, p. 19) menciona que “tal como o homem de Neandherthal, o homem do Paleolítico Superior também enterrava seus mortos. [...] As mulheres eram enterradas com seus colares e outros adornos (enfeites de conchas, de dentes de animais, ou de um fóssil ocasional), juntamente com suas crianças no peito”. Desta forma, presume-se que, desde os tempos do Paleolítico, o homem já se preocupava com os adornos pessoais, dando-os o mesmo valor de uma joia dos tempos atuais.

2 - A época do Paleolítico subdivide-se em Paleolítico Inferior, que não se sabe ainda se existem manifestações artísticas, e Paleolítico Superior, que em seu segundo período, o Solutriano, conforme Lommel (1979, p.15) “As armas e os utensílios da era Solutriana consistem em pontas de lanças trabalhadas em forma de folha de louro, pontas de flechas, sovelas de osso e agulhas com orifício.” Contudo é no terceiro período, Magdalenense, que se alcança, em relação à arte, seu ponto expressivo culminante

**Figura 1:** Adornos de *Peña Guerra I*. Objetos de diferentes tamanhos, com perfurações para serem suspensos como enfeites<sup>3</sup>.



Fonte: Museu de Prehistòria de València.

À medida que evoluía, aprimorava as ferramentas de pedra, utilizava também enfeites como dentes de lobos e ursos, com os quais formava colares. De acordo com Kertesz (1947, p. 22), “alguns destes dentes eram coloridos e, em outros, gravava toscos desenhos geométricos. Podem ser observadas certas diferenças nos desenhos, mas a composição se restringe às formas mais simples.” Esses adornos possuíam valor simbólico, como troféu de caça e testemunho de sua bravura, proporcionando-lhe ao mesmo tempo um destacado lugar na ordem social das cavernas.

Essa forma de agir induz a pensar que o homem desde os tempos imemoriais percebeu a beleza nas coisas que o cercavam. Espírito e matéria se uniam numa relação mítico-mágica, ficando o resultado plasmado nos objetos que fabricava.

Assim, é no espírito que o homem coloca seu estado de felicidade, conquista, prazer e os produtos existem para satisfazê-lo. E, por meio da beleza, o homem experimenta as realizações do espírito, pela emoção prazerosa que esta lhe causa. A estética, pelas teorias cristalizadas, pode se definir também como o lugar em que os homens se encontram, superam-se, progridem e convivem, de modo que lhes possibilitem encontrar a felicidade. (BISOGNIN, LISBOA, 2006, p. 880).

3 - Depois da pintura corporal, o colar de dentes de animais ou de conchas perfuradas e às vezes coloridas (*Nassa*, *Littorina*, *litorea*), suspensos em diversas partes do corpo, era o enfeite mais conhecido do homem pré-histórico.

De acordo com Giordani (1983), o estudo das indústrias do Paleolítico Superior apresenta três grandes períodos: “Aurinhacense, Solutrense e Magdaleniense”.

No primeiro período, o autor destaca alguns produtos da indústria dessa época, tais como pontas de lâmina, raspadores, buris, pontas de chifres de renas, ossos ornados com entalhes e pontas em osso polido com uma fenda para fixá-las à extremidade de uma haste. Paralelo à fabricação dos adornos, surgem os primeiros indícios da arte do mobiliário e das primeiras pinturas rupestres.

No segundo período, encontram-se pontas de sílex, de flechas, buris e raspadores, bem como agulhas de osso com orifício. Por outro lado, conforme Lommel (1979, p. 15), “as armas e os utensílios da Era Solutriana consistem em pontas de lanças trabalhadas em forma de folha de louro, pontas de flechas, sovelas de osso e agulhas com orifícios”.

No terceiro período, o Magdaleniense, os achados comprovam o surgimento de uma nova variedade de formas como raspadores, bigornas, buris em bico de papagaio e bico de flauta, bem como lascas de pequenas dimensões. É importante destacar a existência de objetos feitos de ossos e chifres de renas (Figura 2), como agulhas providas de orifício, bastões perfurados, diferentes pontas de armas, anzóis e arpões para caça e pesca, tornando-se o período do desenvolvimento artístico, de acordo com Giordani (1983).

**Figuras 2:** *Agulhas de hueso y varillas decoradas. Período Magdaleniense Superior de la Cova del Parpalló, Gandia.*



Fonte: Museu de PréHistória de Valência.

A literatura considera que o lugar que deu origem a essa denominação foi a estação da caverna de La Magdaleine, em Dordoña, França, lugar onde se

descobriu o maior número de vestígios desta época. Os utensílios passaram então a ser confeccionados não mais por meio de golpes, mas por pressão.

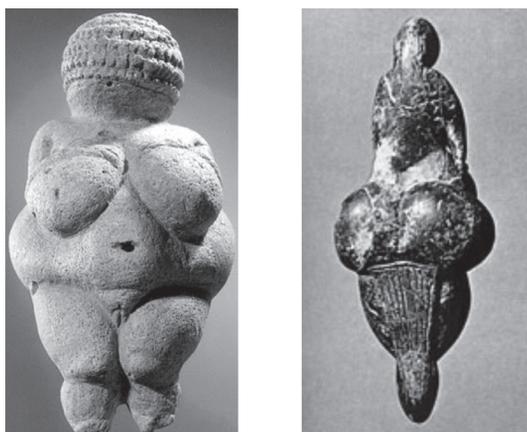
Como já mencionado, a utilização do buril como ferramenta da ourivesaria é muito usada na técnica artesanal, na contemporaneidade. O buril é um perfil de aço tratado e temperado de extraordinária dureza e diversos formatos. Essa ferramenta era usada para fazer incisões no metal, mas, atualmente, conforme mostra Veloso (2003, p. 23), utiliza-se na “realização de diversas técnicas da ourivesaria como a cravação de pedras, acabamentos e tratamento de superfícies”.

Notável é também a técnica e o refinamento que podem ser observados nos enfeites. Supõe-se que uma vez terminada a caça do dia e satisfeitas as suas necessidades alimentícias, o caçador de renas precisou de alguns momentos de ócio e lazer que lhe permitiram orientar seus pensamentos e inquietudes para uma atividade artística criadora.

Os materiais utilizados em pequenos pedaços e lavrados serviam como adornos corporais. Os objetos naturais, possivelmente por sua raridade, exerciam fascínio sobre o homem, e devido à dificuldade de encontrá-los, por não desejar privar-se deles, passou a imitá-los.

Os homens do período Magdaleniense foram habilidosos escultores (Figuras 3 e 4). Copiavam dentes de urso e lobo em outras substâncias mais fáceis de lavar, como o marfim e os chifres de rena ou cervo.

**Figuras 3 e 4:** *Esquerda:* Vênus<sup>4</sup> de Willendorf - História: A cultura na pré-história<sup>5</sup>.  
*Direita:* Vênus de Lespugue - Art Préhistorique<sup>6</sup>



Fonte: Hominidés ... *les évolutions de l'homme*.

4 - A escultura foi responsável pela elaboração tanto de objetos religiosos quanto de utensílios domésticos, onde a temática predominante em toda a arte do período foram, animais e figuras humanas, principalmente figuras femininas, conhecidas como Vênus, caracterizadas pelos grandes seios e ancas largas. Entre as mais conhecidas estão a Vênus de Lespugne, e a Vênus de Willendorf, criadas principalmente em pedras calcárias, utilizando-se ferramentas de pedra pontiaguda.

5 - Encontra-se disponível em: <<http://historiadascivilizacoes.blogspot.com/2008/05/cultura-na-pre-historia.html>>.

6 - Hominidés les évolutions de l'homme. Encontra-se disponível em: <[http://www.hominides.com/html/art/venus\\_art\\_mobilier.php](http://www.hominides.com/html/art/venus_art_mobilier.php)>

Curioso na busca de materiais estranhos, raros ou brilhantes que podia obter, o homem da época Paleolítica, em suas incursões, recolhia pedaços de cristal de rocha, serpentina, jade, corais e outras pedras de cores vivas que podia utilizar para fabricar seus enfeites ou amuletos. O âmbar, resina fóssil, constitui-se no grande material apreciado, especialmente na cultura magdalenense, provavelmente em seu estado natural, e difundiu-se na era subsequente, a Neolítica.

Simple pingentes de ossos, marfim ou âmbar, em forma similar à dos botões de hoje, eram já naquele tempo enfeites que desfrutavam de geral favor, quando o Paleolítico estava terminando. Gola (2008, apud LEROI-GOURHAN, 1971) classifica os objetos de adorno da pré-história em:

‘objetos para pendurar ou pendentés’ (também denominados pingentes), atravessados por um buraco, para a passagem de um fio; ou ‘objetos de adereços’, providos de ranhuras para fixar um laço. A partir da observação de suas formas, tais objetos podem ser agrupados em três categorias: a dos pendentés (ou pingentes); a dos contornos recortados; e a das rodélas.

A autora esclarece que pendentés ou pingentes se constituem nos adereços mais antigos encontrados. Comumente, feitos de dentes de conchas, de ossos e de pedras. As formas assumem aspectos de presas ou garras com decorações geométricas realizadas por meio de incisões.

Os objetos classificados como contornos recortados pertencem ao período Magdalenense. Normalmente medem 5 cm de comprimento e se reportam a cabeças de animais, tais como o cabrito montês, o bisão e o cavalo. As incisões neles recortadas assinalam olhos, boca e nariz. A terceira categoria “rodélas”, ainda de acordo com Gola (2008), consiste em pequenos discos com orifício central e com incisões de animais como cabrito, cervo e vaca (Figuras 5 e 6). Esses objetos ornamentais foram cuidadosamente entalhados, bem como o surgimento de colares executados com pequenos crustáceos, fósseis, caracóis, vértebras de peixes, dentes de animais e sementes, amarrados em cordões de fibra vegetal (Figura 7).

**Figuras 5 e 6:** Esquerda: *Rondelle-de la vanche et de son veau*<sup>7</sup>. *Musee Antiquites Nationales*. Direita: Rodela gravada com figura animal.

7 - Pendentes esculpidos em formatos circulares



Fonte: (GOLA, 2008, p. 26-27).

**Figura 7:** Elementos de adorno, *Cova del Parpalló, Gandia*. Conchas perfuradas, possivelmente, com a intenção de formar um colar<sup>8</sup>.

8 - Até os dias atuais é possível observar enfeites de conchas na África e Austrália



Fonte: Museu de Prehistòria de València.

Se o lado das conchas perfuradas, se encontram pedras de formas curiosas, bocados de minerais, amostras de cristal de rocha, pode-se pensar que os homens recolhiam estes objetos porque os consideravam belos e lhes atribuíam propriedades mágicas. Na maior parte das vezes, esta dupla preocupação encontra-se nos povos atuais, que fazem coleções do mesmo gênero. (GOURHAN, 1983, p. 64).

Desta forma, explica-se como a caverna de um caçador da época quaternária, descoberta em Goyat, Bélgica, dava a impressão de “um museu paleontológico”. Em outra caverna guardava-se, zelosamente oculto, um depósito de aproximadamente oito mil pequenas conchas marinhas tingidas de vermelho, a décima parte delas providas de perfurações praticadas, sem dúvida, para poder colocá-las<sup>9</sup>.

9 - Joseph Déchelette, Manuel d'Archéologie Préhistorique, I. Ed. A. Picard, Paris, 1924.

## 2. A época Neolítica

### Idade da Pedra Polida

O desenvolvimento iniciado no período anterior, o Paleolítico, evoluiu para o final das épocas glaciais pela chegada de grupos mais evoluídos e de culturas avançadas, encontrando-se adiante o caçador magdalenense em condições de vida muito diferentes das existentes de seus antepassados na Idade da Pedra, lavrada a golpes.

Grandes acontecimentos e inventos proveitosos caracterizam a nova época. Um importante descobrimento foi o emprego de novos materiais duros, vulcânicos, que podiam polimentar-se cuidadosamente, e que foi seguido pela aprendizagem de uma nova técnica para fabricar, com estas pedras, armas e utensílios. Por isso que esta idade chama-se Neolítica ou da Nova Pedra.

Giordani (1983, p.40) enfatiza que:

A técnica empregada referia-se às matérias-primas usadas: a pedra, a argila (crua ou cozida), o osso, o marfim, o chifre de rena e até mesmo o azeviche e o âmbar, etc. O carvão e o bióxido de manganês forneciam a cor negra; o vermelho (muito usado) e outras cores eram fornecidas pelo ocre largamente explorado. Os principais instrumentos que possibilitavam aos artistas a execução de seus trabalhos eram: o buril de pedra (que permitia a gravura e a escultura), o pincel feito de pluma de pássaro ou de pelos, osso oco (através do qual eram sopradas as matérias corantes) e finalmente... os próprios dedos dos artistas.

Nos enfeites pessoais, manifestaram-se novas tendências, preferindo no momento os materiais mais custosos e as formas mais ricas e complexas, entre elas anéis e braceletes finamente trabalhados. Esses formatos somam-se aos enfeites utilizados no Paleolítico, como o pendente ou pingente (Figuras 8 e 9).

**Figuras 8 e 9:** *Direita:* Anel de osso do Neolítico. Gruta de l'Or, Beniarrés. *Esquerda:* Bracelete de pedra polida da Gruta de La Sarsa (Bocairent). Neolítico, entre 5000 e 4200 anos a.C.



Fonte: Museu de Prehistòria de València.

O material que se utilizava para as joias de enfeite diferia de região em região, de acordo com as existências naturais e os progressos de intercâmbio. Giordani (1983, p. 41), referindo-se ao uso das gemas, é enfático ao afirmar que “ao procurar, em camadas do subsolo, o sílex, o homem pré-histórico fazia *prospecção*; ao determinar a posição do mesmo, adquiria conhecimentos de *geologia*; e ao explorá-lo em galerias subterrâneas praticava a *arte de minas*.”

Por outro lado, os estudos arqueológicos mostram que em um amplo raio em torno dos lugares em cujo subsolo foram descobertos enfeites feitos de certas matérias, em particular de âmbar, jadeíta e obsidiana, não se conheceram a existência de jazidas originais que pudessem ser extraídas. Minuciosas investigações petrográficas e mineralógicas confirmaram o fato, indicando ao mesmo tempo que os materiais em questão deviam ter sido trazidos de regiões remotas. Não resta dúvida que nos remotos dias do Neolítico existia, entre os diferentes povos, um intercâmbio animado das matérias-primas que lhes apresentava o solo ou dos produtos que manufacturavam com aquelas. (Figuras 10 e 11).

**Figuras 10 e 11:** *Esquerda:* pingente de concha, encontrado em Silo, pertencente a uma criança de 4 à 7 anos . *Direita:* Colar de variscita. Minas de Gavà – Arqueologia Ibérica<sup>10</sup>.

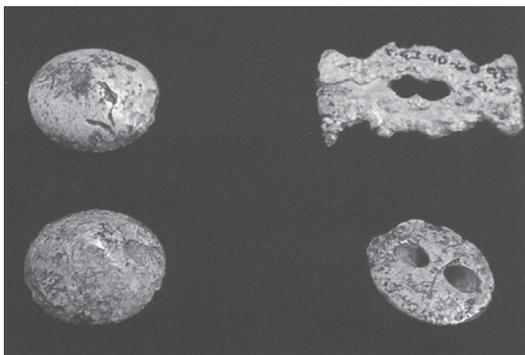


Fonte: <http://algarvivo.com/arqueo/neolitico/gava-1.html> e <http://www.texasbeyondhistory.net/st-plains/prehistory/images/mortuary.html>

10 - As Minas de Gavà (Minas de Can Tintorer) pertenciam ao Norte da Península Ibérica, perto de Barcelona. Neste local, extraía-se variscita, um mineral semiprecioso, de cor verde. Esta pedra ornamental, algo parecido à turquesa, era usada para confeccionar adornos como colares e braceletes. Além da variscita, também se explorava o sílex e o ocre. Gavà é o primeiro exemplo de atividade mineira na Península Ibérica, no qual o principal material obtido não servia para fazer ferramentas e, sim, era meramente decorativo e reservado às elites.

Os estudos realizados por Kertesz (1947) abordam, em particular, referências ao comércio do âmbar, factível graças às descobertas feitas nas sepulturas. O âmbar, resina cristalizada das coníferas da época terciária, encontra-se em quantidades apreciáveis unicamente no litoral do Báltico e nas costas ocidentais da Suécia. Psicologicamente interessante é o fato de que o enfeite de âmbar aumenta nas sepulturas meridionais das Idades do Bronze e do Ferro, na mesma medida que diminui entre os povos do Báltico que eram seus exportadores.

**Figura 12:** Botões perforados de âmbar em dois aspectos. Procede de Bohuslän, Suécia.



Fonte: Museu de Prehistòria de València.

Imensamente variado é o repertório das colgaduras e fetiches em forma de pingentes. Os dentes de toda classe de mamíferos eram perfurados e reunidos em couraças inteiras. Contava-se então com uma nova joia: o machado em miniatura perfurada para a corda de suspensão e prolixamente polimentada, de Jade ou nefrite, diorito e calcários duros que possuem cores mais vivas. O culto do machado, cujo valor simbólico não se tenha conseguido estabelecer com certeza, ocupa, nos tempos pré-históricos, um lugar destacado. Na arte cretense, muito particularmente, sua representação se repete sobre os altares e pilares dos palácios.

Os progressos na vestimenta determinaram a criação dos primeiros alfinetes e prendedores feitos de chifres de veado. As numerosas contas e lantejoulas perfuradas serviam preferentemente para colares (Figuras 13 e 14). Algumas contas eram em forma de discos chatos, e outras, redondas, cilíndricas e cônicas, tanto simples como duplas.

**Figuras 13 e 14:** *Esquerda:* Pendente em malaquite - Lapa da Galinha, Alcanena, Santarém<sup>11</sup>. *Direita:* Conjunto de contas de calaíte e dente canino de lobo - Casal do Pardo, Palmela, Setúbal<sup>12</sup>.



Fonte: Museu Nacional de Arqueologia.

11 - adereço de adorno com altura de 2,8 cm, largura 1,3 cm e espessura de 0,5 cm.

12 - Possui o comprimento de 21,2 cm.

Diferentes ornamentos corporais foram descobertos em sepulturas chamadas dólmenes<sup>13</sup>. Relatos históricos indicam que a maioria desses acessórios, principalmente os compostos por plumas e plantas, desapareceu devido à ação do tempo. As joias encontradas não eram diferenciadas de acordo com os dois sexos e tampouco se sabe sobre a maneira como foram utilizadas ou guardadas.

13 - A palavra dólmen tem origem na Bretanha: dol significa mesa, e men, pedra. Dólmen é, pois, mesa de pedra.

Grandes túmulos neolíticos no noroeste da França, nos Altos Pirineus, e nas grutas sepulcrais de Portugal também revelaram alguns adornos corporais, entre os mais importantes foram os colares de contas e brincos bem trabalhados de um material translúcido de cor verde pálido. Na França, essas contas estão associadas muitas vezes a outras de ouro, enquanto que Portugal não conhece o ouro nesta época primitiva.

Atribuía-se a muitas dessas joias forças mágicas, vinculando-as, portanto, com a ideia de talismã (Figuras 15 e 16). Esse conceito supersticioso, que desempenhou um papel particular até muito avançado no século XVII de nossa era, sobrevive até hoje em certas regiões europeias. Por exemplo, o aldeão alverne ou bretão, conforme Déchelette<sup>14</sup>, não se separava por nada de seu colar talismã, um simples adorno de âmbar e pedrinhas polidas que em sua família se transmitia por herança de geração a geração, sem que pudesse precisar quem foi tampouco quando viveu seu primeiro proprietário.

14 - Joseph Déchelette, Manuel d'Archéologie Préhistorique, I. Ed. A. Picard, Paris, 1924.



artísticas e criadoura ocorreu nos achados de Magdalenense, que comprova o surgimento de uma nova variedade de formas e ferramentas. Quanto aos materiais usados na fabricação de adornos, observa-se o uso abundante de conchas, dentes de animais, pequenos crustáceos e fósseis. Esses materiais eram perfurados e usados como adornos de pendurar, formando pendentes ou colares.

Dentre os materiais usados na fabricação de adornos no período Neolítico, conclui-se que a exploração dos minerais e o intercâmbio animado de matéria-prima entre os povos auxiliaram para o desenvolvimento artístico dessa época. O aprimoramento das técnicas e ferramentas, a mistura dos materiais e o uso intenso da cor são alguns dos grandes precursores do que seria a arte da produção de adornos corporais ao longo da história até a chegada da contemporaneidade. Nesse período, foi abundante o uso de anéis e braceletes feitos de ossos e alfinetes e botões feitos de âmbar e chifre de veado para prender as vestimentas. Esses adornos somaram-se aos enfeites utilizados no período Paleolítico, como o pendente e os colares.

Algumas das técnicas usadas no período pré-histórico, como o martelamento, a incisão e a pressão, por meio de ferramentas como buril, bigornas e raspadores, são ainda utilizados em nossos dias na ourivesaria artesanal. Outra característica que permanece e tornou-se um diferencial para um designer de joias é a habilidade em misturar materiais e experimentar formas. Nesse sentido, entrar na História e separar os diferentes saberes por períodos e culturas foi um exercício de sistematização dos diferentes aspectos e técnicas utilizados pelo homem, ao longo do tempo.

## Referências

- BISOGNIN, Edir Lúcia; LISBOA, Maria da Graça. *Disciplinarium Ciência*. 2006, p. 88.
- CELORIA, Francis. *Arqueologia*. Trad. Fernando de Castro Ferro. São Paulo: Edições Melhoramentos. Edusp, 1970.
- CODINA, Carles. *A ourivesaria*. Coleção Artes e Ofícios. Trad. Marisa Costa. Lisboa: Editorial Estampa Ltda. 2002.
- GIORDANI, Mário Curtis. *História da Antiguidade Oriental*. 6.ed. Petrópolis: Editora VOZES, 1983.
- GOLA, Eliana. *A Jóia - História e Design*. São Paulo: SENAC Editora, 2008.
- GOURHAN, André Leroi. *Os Caçadores da Pré-história*. Vol. 22. Lisboa: Ed. 70, 1983.
- KERTESZ, Margarite W. *Historia Universal de la Joyas a Traves del Arte y la Cultura*. Buenos Aires: Centurion, 1947.
- LOMMEL, Andreas. *O Mundo da Arte - a arte pré-histórica e primitiva*. São Paulo: Enciclopédia Britânica do Brasil. Publicações Ltda, 1979.
- MNA - Museu Nacional de Arqueologia. Disponível em: <<http://www.mnarqueologia-ipmuseus.pt/default.asp?a=3&x=3&cat=15>>. Acesso em: 03 mai. 2010.
- MUSEU DE PREHISTÓRIA DE VALÈNCIA, 2008. *Acervo virtual*. Disponível em: <<http://www.museuprehistoriavalencia.es/home.html>>. Acesso em: 03 mai. 2010.
- MUSEE D'ARQUEOLOGIE NATIONALE – Chateau de Saint-Germain-en-Laye (s.d). *Acervo Virtual*. Disponível em: <[http://www.musee-antiquitesnationales.fr/index\\_u112.htm](http://www.musee-antiquitesnationales.fr/index_u112.htm)>. Acesso em: 04 mai. 2010.
- VELOSO, Pedro A. A. *Manual do Ourives – fazendo jóias*. 3.ed. São Paulo: JAC Editora, 2003.